

A visão unilateral de Guy Delisle na HQ *Pyongyang*: percepções históricas e uso em sala de aula

Eduardo de Moraes Faria

Márcio José Pereira

Resumo: A Coreia do Norte com seu isolamento auto imposto e política de cerceamento da imprensa, tacitamente permissiona no imaginário mundial inúmeras interpretações acerca da sua realidade nacional. Intencionamos com esse artigo realizar um estudo de caso do quadrinho “Pyongyang - Uma viagem à Coreia do Norte” de Guy Delisle, debatendo o conteúdo historiográfico e suas possibilidades de interpretação à luz das discussões da análise historiográfica das HQs e seu uso em sala de aula. Evidenciamos ao final da análise que a obra apresenta uma representação discutível historicamente, contribuindo para a compreensão limitada do país socialista e no fortalecimento de estereótipos ocidentais.

Palavras-chave: Coreia do Norte, história, regime socialista, quadrinhos.

Guy Delisle's one-sided view in HQ ‘Pyongyang’:

historical insights and classroom use

Abstract: North Korea, with its self-imposed isolation and political curtailment of the press, tacitly allows in the world’s imaginary numerous interpretations about its national reality. With this article we intend to

Eduardo de Moraes Faria. Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá. Email: edu.moraes08@hotmail.com

Márcio José Pereira. Doutor em História pela UFPR. Professor do Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual de Maringá. Email: mjpereira2@uem.br

conduct a case study of Guy Delisle's "Pyongyang - A Trip to North Korea" comic book, discussing the historiographic content and its possibilities of interpretation in the light of the discussions of the historiographic analysis of comics and its use in the classroom. At the end of the analysis, we showed that the work presents a historically debatable representation, contributing to the limited understanding of the socialist country and the strengthening of Western stereotypes.

Keywords: North Korea, history, socialist regime, comics.

A Guerra da Coreia representou a desgraça política do general MacArthur, que iludido com seus primeiros êxitos militares e pela promoção pública norte-americana de suas ações no sudoeste da Ásia o fez acreditar que poderia a partir da 'unificação das Coreias' realizar um cerco concreto à China. Inebriado pelo próprio ego sabemos que MacArthur, a política expansionista norte-americana e o desejo de frear o crescimento da China e de sua ideologia política falharam completamente. Nesse sentido, concordamos com o historiador sul-coreano Jie-Hyun Lim da Hanyang University, se algo ficou evidente com a guerra foi a profunda cicatriz na sociedade coreana, uma ruína expressiva para ambos os lados, desestabilização dos governos, desorganização dos movimentos trabalhistas, sem contar o prejuízo financeiro incalculável e os milhões de civis e militares que tiveram suas vidas ceifadas pelo combate. Se existiu um legado deixado pela guerra, esse foi o medo e a insegurança que foram permanentemente instalados pelo sistema dicotômico da Guerra Fria (2015, p. 264-265).

Desde a assinatura do Acordo de Armistício Coreano em 1953, a Coreia do Norte entrou no imaginário mundial como um país repulso, seja por sua opção política seja pela constante ameaça bélica.

Esses rótulos se estabelecem ante a opção do regime em adotar uma postura isolacionista, limitando uma concepção exata de como é a vida na nação. Fator crucial na formulação de pensamentos rasos, errôneos e preconceituosos. Lim (2015, p. 264) afirma que o ‘perigo comunista’ foi fortemente difundido como complexo do medo, ao mesmo tempo em que o ‘perigo ianque’ foi utilizado para a instalação de medidas restritivas, autoritárias e de isolamento gradativo.

O atual líder Kim Jong-Un tem atuado no sentido de uma tímida abertura externa, mas as informações continuam tendo por origem os relatos de norte-coreanos que fugiram da nação ou de estrangeiros que trabalharam por um período de tempo. Portanto, optou-se neste artigo apresentar a perspectiva histórica sobre a Coreia do Norte a partir dos relatos do quadrinista Guy Delisle em *Pyongyang - Uma viagem à Coreia do Norte*. Apesar do quadrinho apresentar um relato acerca de uma realidade vivenciada por dois meses, é discutível a extensão do conceito de “local de fala”.

Essa concepção entende que aqueles que vivem diariamente um cotidiano, se tornam protagonistas, logo, sujeitos que não passam por determinadas experiências não conseguem falar com propriedade determinados assuntos. Segundo Matheus Moreira e Tatiana Dias em “O que é ‘lugar de fala’ e como ele é aplicado no debate público”, essa noção funciona como um contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais, permitindo com que movimentos negros e feministas possam se expressar sobre o racismo e o machismo por exemplo.

A problemática quanto à definição é compreender a extensão do debate, na qual se discute se um sujeito de fora pode falar ou não sobre questões não vivenciadas ou que nunca irá viver. No que tange o campo literário, Marcos Caetano no artigo “Um grande erro chamado ‘lugar de fala’” se posiciona contrário à exigência de experiência,

uma vez que acaba por contribuir no isolamento e na exclusão, ponto de vista corroborado pelo escritor Mia Couto durante entrevista a Mirella Nascimento em “UOL TAB #159: Questionar lugar de fala ‘mata’ literatura, diz Mia Couto”, afirmando que a impossibilidade de escrever distintos papéis e situações acaba por matar a escrita.

Para fazer um contraponto, podemos lembrar o trabalho de outro quadrinista/jornalista de não-ficção que tem um trabalho muito meticuloso e que se coloca como personagens de suas próprias histórias, o do maltês/estadunidense Joe Sacco, que publicou em 2009 sua monumental obra *Footnotes in Gaza* (Notas sobre Gaza), uma investigação sobre os dois maiores massacres de palestinos em solo palestino, que ocorreram na sequência da crise do Canal de Suez em 1956. Trabalhos anteriores dele sobre o conflito sino-palestino, *Palestina: uma nação ocupada* e suas obras sobre as guerras da Bósnia/Iugoslávia, *Safe Area Gorazde* e *The Fixer*, combinam pesquisas meticulosas com representações comoventes das pessoas que entrevistou, e seu testemunho. Embora não estejamos defendendo que Sacco tenha para si o direito de local de fala, podemos dizer que seu trabalho é mais profundo do que de Deslile, haja vista que ele rastreou e entrevistou o maior número possível de sobreviventes de ambos os massacres, desenhando seus rostos tanto no presente quanto no passado, e ilustrando suas histórias.

Por outro lado, na obra *Reinventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vem revolucionando essa forma de arte* Scott McCloud percebe como compreensível que ao se tratar de uma condição social ou física que somente uma minoria experimente, os membros dessa terão vantagem de retratá-la, enquanto que outros atores irão no máximo presumir uma condição. Entender esse conceito é fundamental para entender os pontos de vista do artista so-

bre o país socialista. Por ser canadense e viver brevemente na nação, suas concepções vão ser pressuposições que são carregadas de rótulos mundiais acerca da nação ou carecem de uma experiência prévia.

Coreia do Norte: vilã ou vítima?

O quadrinista Guy Delisle produz *Pyongyang - Uma viagem à Coreia do Norte* publicado em inglês em 2005 e publicado no Brasil, pela editora Zaratana em 2007, enquanto passa dois meses na Coreia do Norte para supervisionar a produção de uma animação francesa, contando suas experiências no país. Apesar do dirigente Kim Il-Sung ter iniciado a possibilidade de abertura externa com a criação de zonas econômicas, a tolerância estrangeira, a exceção das missões humanitárias, só começou com a ascensão ao poder de Kim Jong-Un em 2011, na qual tem procurado parcerias e investidores para diminuir o isolamento político e econômico, segundo Visentini, Pereira e Melchionna em *A Revolução coreana: o desconhecido socialismo Zuche*. Ademais, mesmo com a flexibilização, a presença estrangeira só é permitida sob a supervisão de um guia e um tradutor.

Pyongyang foi um sucesso tão grande que Delisle se voltou para a história em quadrinhos em tempo integral. Ele se tornou talvez o nome mais conhecido do que poderia ser chamado de revista em quadrinhos de não-ficção, agora um gênero florescente, e publicou mais três no mesmo estilo, com suas observações sobre a vida em cidades estrangeiras: *Shenzhen: Um Travelogue da China* (2006), *Burma Chronicles* (2008), e *Jerusalém: Chronicles from the Holy City* (2012).

Ao desembarcar, o autor retrata sua apreensão enquanto sua mala é revistada. Apesar de ser uma situação corriqueira em ae-

roportos, no caso norte-coreano o objetivo segundo Park Yeon-mi em sua autobiografia *Para poder viver: a jornada de uma garota norte-coreana para a liberdade* é um ato político que visa impedir o contato da população com qualquer artigo estrangeiro, como também evitar que informações sobre a nação sejam expostas. Durante a trama, Delisle ao tentar consumir entretenimento, se depara com transmissões de televisão e filmes somente produzidos pelo regime, ação de censura com o intuito de bloquear qualquer conteúdo do exterior e reforçar as realizações do governo.

O artista se utiliza do bom humor ao relatar o esquecimento de declarar na alfândega a posse de um rádio, se colocando como um rebelde por tentar escutar faixas de transmissão que não fossem estatais, mas como o governo embaralha os sinais de rádio, a insubordinação teve pouco sucesso. Ao ser conduzido do aeroporto até o carro por um guia, o autor ganha um buquê de flores, gerando inicialmente uma confusão quanto ao presente, mas logo percebe que o objetivo era prestar uma homenagem a estátua do primeiro líder da nação, Kim Il-Sung. De acordo com Yeon-Mi, o ato de deixar uma oferenda é uma forma de lamentar a morte de um governante considerado imortal, sendo que oficialmente o luto durou por três anos, de 1994 a 1997.

Além do buquê, Delisle recebe um guia de recomendações de viagem, entre as sugestões estavam o alerta de não beber água da torneira, nunca agir de forma impulsiva e trazer os próprios remédios. O controle sobre o comportamento é uma simples extensão da política nacional de ditar o que se deve pensar e fazer, mas as outras advertências mostram um pouco da circunstância interna. Hillary Chute do *The New Yorker Review* assevera em um artigo intitulado ‘A man alone in a Comic Book’ (2017) que para se fazer parecido

com os seus leitores, Deslile: “se desenha como um bufão atraente, com uma cabeça de bloco estilizada e nariz anguloso; seus leitores aprendem como ele aprende” (Tradução nossa). Para exemplificar em uma única amostra, separamos

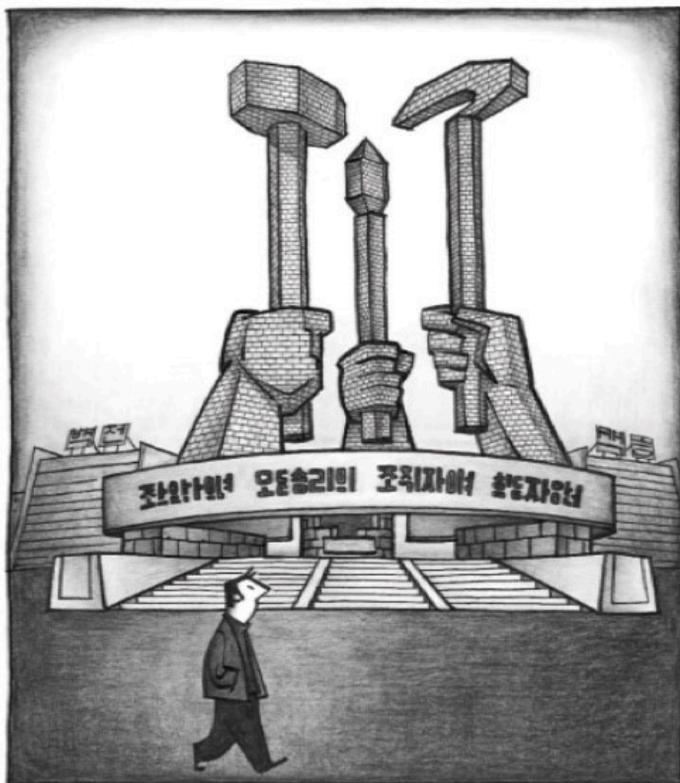


Figura 1 - Uma figura aleatória retirada de *Pyongyang: a journey in North Korea*

Não existem dados estatísticos quanto à oferta de água encanada e de tratamento de esgoto, porém, a partir dessa proibição é possível pressupor que não é confiável o consumo por ser mínima a presença de água de qualidade. Quanto aos remédios, Visentini, Pereira e Melchionna apontam que não há problemas ao acesso aos órgãos

de saúde, com instalações bem equipadas e presença no meio urbano e rural, entretanto, essa realidade difere da vivida por Yeon-Mi até fugir da Coreia do Norte em 2007, uma vez que relata a necessidade de comprar os remédios e itens necessários no mercado negro para a cirurgia do pai, além de precisar convencer financeiramente os médicos a realizarem a cirurgia.

O quadrinista ao chegar ao seu hotel, se depara com um local escuro e sem elevador ativo, situação que se torna corriqueira em quase os todos os prédios, restaurantes ou instalações turísticas que visita. Apesar de retratar de modo cômico a possibilidade de sempre usar as escadas para ficar em forma, não deixa de registrar um problema crítico do país. Desde a assinatura do armistício em 1953, a nação manteve contato comercial somente com a China e a União Soviética por proximidade ideológica, conseguindo manter estabilidade com as trocas comerciais. Entretanto, na década de 1990 os parceiros sino-russo passaram a exigir o pagamento em dinheiro nas transações, afetando drasticamente o regime norte-coreano, pois só conseguia manter a balança comercial por realizar exportações com taxas favoráveis em troca de produtos como petróleo. O resultado foi a queda de 85% da importação de bens energéticos, paralisando a indústria. A solução foi apostar no projeto nuclear.

Para Diego Grossi em *A Revolução Coreana entre a questão nacional e o marxismo: O Zuche e a construção de um projeto patriótico na Coreia socialista*, investir no desenvolvimento atômico era uma resposta tecnológica para atender à demanda energética, acabar com a dependência externa de combustíveis fósseis, assim como desenvolver uma arma para a proteção nacional. Embora a pesquisadora Fabricia Felipe no trabalho de conclusão de curso “Repensando a Guerra da Coreia: O papel das grandes potências na

criação e perpetuação do conflito na península coreana” destaque que em 2008 o país contava com 15 plantas nucleares, atualmente ainda existe a dependência de doações chinesas, sendo comum às regiões do interior ficarem meses sem energia, ao ponto de as pessoas esquecerem que têm acesso a eletricidade.

Esse déficit energético ocasiona outro contexto jocoso, pois Delisle a todo instante prefere caminhar a usar o veículo do estúdio em que trabalha, gerando surpresa tanto do guia como do tradutor, já que andar de carro acaba por ser um privilégio. Durante os intervalos do trabalho, o artista costumava ir com os amigos animadores, igualmente estrangeiros, para o hotel com o intuito de ir ao bar ou ao restaurante, sempre se deparando com os estabelecimentos além de escuros, quase totalmente vazios, a exceção de alguns militares. Essa percepção de vazio também se estende em suas caminhadas por Pyongyang, capital, encontrando escassos movimentos de ônibus e carros.

O esvaziamento urbano pode ser explicado pelo estabelecimento do Songbun. Com a proclamação da República Popular Democrática da Coreia em 1948, Kim Il-Sung foi eleito primeiro ministro com máximo poder, efetivando de início a suspensão das antigas relações hierárquicas, como proprietários de terras e camponeses, nobres e comuns. De acordo com YEON-MI, foi realizado o levantamento histórico e parental de toda a população com o intuito de estabelecer uma classificação social com base na lealdade ao regime. O Songbun colocou no topo de importância os revolucionários que lutaram durante as guerras, a família Kim e o aparato que mantinha o dirigente no poder; em seguida estavam as pessoas que vieram do Sul ou tinham família naquela região, considerados a classe “básica” por não serem totalmente confiáveis. Por fim, a base era com-

posta pelos “hostis”, englobando antigos proprietários de terras e seus descendentes, capitalistas, cristãos, família de prisioneiros políticos e quaisquer outros considerados inimigos do Estado.

A presença militar é compreensível por seu status, não compartilham preocupações quanto à necessidade de trabalhar para manter o sustento da família. Por outro lado, a população básica e a hostil enfrentaram nos anos 90 adversidades, como o problema energético já citado, a morte de Kim Il-sung, grandes enchentes entre 1995 e 1996 e uma forte seca em 1997 segundo Visentini, Pereira e Melchionna. Antigamente essa população era sustentada pelo Estado, mas diante de tanta calamidade, o regime se absteve, estima-se nesse período a morte por fome de 450 mil pessoas, cerca de 2% da população.

Com o isolamento político, o país não cresceu o suficiente para manter o povo com estabilidade de vida e somado ao fato de dispor de apenas 20% de terras aráveis, o grosso da população não tem o privilégio de perder tempo com passeios ou consumo de entretenimento. Todo esforço centra-se em manter a família alimentada. A partir das exposições de YEON-MI, anteriormente era comum as famílias compartilharem alimentos, mas diante da crise cada um passou a lutar por si; sua família inclusive optou por se arriscar em trabalhar com o contrabando para conseguir se sustentar, mas não era raro ela passar dias sem comida ou se alimentando de plantas e insetos.

Delisle também observa na cidade a presença de casas com hortas e criadora de galinhas, bem como um norte-coreano colhendo frutas até encher a roupa com tudo que pudesse carregar. Essa realidade só reforça a fome ainda presente no país. A piada ocidental sobre coreano comer cachorro é justificada por essa necessidade, as famílias criam esses animais para proteger o lar e ter o que consumir.

Ainda no tema da pobreza, o autor em visitas às ONG's humanitárias, descreve a corrupção do regime ao desviar parte do auxílio em prol da elite, circunstância que Yeon-Mi enfatiza que é ainda mais grave, pois os alimentos que chegam até as autoridades locais para distribuição acabam por serem vendidos no mercado negro, cada cidadão precisa aprender a negociar para não morrer de fome.

Análise de componentes históricos e de possíveis usos

Durante a narrativa gráfica, o quadrinista reserva alguns momentos para registrar passagens históricas, como a Guerra da Coreia e a discussão da reunificação, mas o faz de forma totalmente rasa. A começar pelo conflito na península, com duração de 1950 a 1953, o autor se utiliza somente de um quadro para representar os bombardeios em Pyongyang seguido por outro que retrata o ataque do partido à oposição; sob olhar leigo, é possível inferir que ambos os fatos têm o mesmo peso de valor.

Realmente, como aponta Felipe, ao Norte o fim da Segunda Guerra significou a ação do partido comunista em eliminar os vestígios coloniais, ao mesmo tempo em que realizava reformas e unificava a população. A instituição do Songbun, socialmente já se rebaixava uma possível resistência, mas na área política os leninistas ortodoxos, a base cristã e conservadora, foram confrontados com a criação de uma administração governamental nacional com amplo poder de controle sobre a imprensa e de repressão de qualquer manifestação contraditória.

A guerra na península coreana por outro lado, foi consequência da Guerra Fria. Em “A situação na península coreana: estrutura, panorama e cenários”, Pedro Brites discorre que durante a Confe-

rência de Cairo em 1943 ficou estabelecido que a Coreia voltaria a ser um país independente, mas de maneira gradual; essa imposição fez com que os EUA e a URSS fizessem valer sua influência e dividissem a península em zonas de poder marcadas pelo paralelo 38°. A rivalidade política culminou no conflito que cobrou a morte de um milhão de coreanos em massacres como o de Non Gun Ri, em que o exército americano eliminou toda uma parcela de sul-coreanos que fugiam do avanço norte-coreano com medo da entrada de espiões. BRITES reforça que houve uso americano de bombas em quantidade superior ao que tinha sido despejado no Japão, bem como ocorreu constante ameaça nuclear e a destruição de áreas estruturais ao Norte.

Consequentemente, Delisle erra ao inverter os eventos históricos, mas principalmente comete o pecado de colocar ambos os fatos como iguais. Por mais que o governo norte-coreano tenha usado da força para eliminar a oposição, não se equipara com os efeitos sociais, econômicas e políticas que o evento bélico trouxe para a península. A assinatura do armistício só significou a paralisação da guerra, a paz ainda não foi alcançada.

Outra passagem discutível é retratada durante as conversas do quadrinista com seu tradutor sobre a reunificação. Enquanto o norte-coreano entende que a união coreana ainda não ocorreu por influência americana, o autor justifica que o fato se dá exclusivamente por conta do desinteresse sul-coreano nos possíveis impactos negativos financeiros e sociais. Novamente houve a opção por uma premissa parcial. É perceptível a inconstância política do Sul, com a ala conservadora sempre se posicionando contra a reunificação, mas como afirmam Visentini, Pereira e Melchionna entre 2003 e 2008 sob a presidência de Roh Moo-Hyun existiu um amplo diálogo e

cooperação com o Norte. Contudo, o presidente George W. Bush realizou enorme pressão contra essa aproximação, culminando no impeachment do presidente sul-coreano e na criação da Coreia do Norte como um inimigo mundial, por supostamente patrocinar o terrorismo e ameaçar a estabilidade internacional com a realização de testes nucleares.

Entretanto, o autor é feliz em sua comparação do país socialista com o romance distópico do escritor britânico George Orwell, *1984*. Essa analogia é pautada na vigilância governamental e na manipulação pública; Yeon-Mi complementa essa opinião com a experiência de vivenciar no dia a dia o conceito de *doublethink*, ação de aceitar simultaneamente duas ideias contraditórias como corretas, quando presenciava norte-coreanos gritando slogans contra o capitalismo pela manhã e no período da tarde irem ao mercado para comprar cosméticos do Sul contrabandeados.

Em “Visión de Corea: turismo e inversiones”, Jong Hwa Sun ressalta Pyongyang como o centro do país no que tange o turismo, argumento perceptível nas visitas de Delisle em museus, ginásios e monumentos. Visentini, Pereira e Melchionna entendem que a presença de uma capital moderna, rompe com o estereótipo de que a Coreia do Norte é um país do passado. Esses espaços culturais contam a história da nação de diferentes maneiras, uma delas é presenciada pelo artista em túneis subterrâneos, cuja função de abrigo antiatômico é herança das ameaças americanas durante a Guerra da Coreia. O Museu da Ocupação Imperialista por sua vez, capta através de fotos as atrocidades cometidas pelos inimigos ocidentais durante o conflito. Esse ódio aos EUA segundo Yeon-Mi é cultuado desde o período escolar, com a presença de imagens nas apostilas, a prática de apunhalar no intervalo bonecos de pano vestidos de sol-

dados e a associação constante dos adversários com adjetivos como bastardo, narigudo e demônio.

Contudo, a viagem ao Arco do Triunfo proporciona mais uma visão unilateral por parte do quadrinista. Sun destaca que o monumento celebra a vitória dos coreanos sobre o Japão em 1945, entretanto, Delisle sugere que a derrota nipônica é consequência das bombas nucleares. É evidente um exagero nacionalista norte-coreano, mas as nações anexadas pelo regime imperial japonês fizeram uma significativa oposição durante a ocupação. O acadêmico Sidnei Munhoz em “Os EUA e a conclusão da II Guerra Mundial: os impasses concernentes à Guerra do Pacífico e ao Extremo Oriente” ao trabalhar com a opinião de vários intelectuais acerca da segunda guerra, aponta que alguns historiadores japoneses apresentam a percepção que o avanço soviético foi fator determinante para a rendição, por colocar em risco toda a nação nipônica. A queda do Japão não foi causada unicamente pelos norte-coreanos, porém, preconceções históricas são sempre limitadas. A História é mais complexa do que se imagina.

O entusiasmo nacionalista norte-coreano também é verificado pelo autor diante da Torre a ideia Juche por contar com anotações dos méritos ideológicos e teóricos de Kim Il-sung ao conduzir o país a sua grandeza. De acordo com GROSSI, o Juche foi criado pelo primeiro dirigente e desenvolvido por Kim Jong-il, formando-se como um corpo doutrinário político, ideológico e teórico com o objetivo inicial de obter a autossuficiência econômica e a independência política dos aliados. Gradativamente o sistema enfatizou o campo ideológico com a normalização de comportamentos e a incorporação do culto a figura do líder.

A Coreia do Norte por seguir os princípios neoconfúcios, estava familiarizada com a importância da liderança patriarcal e o respeito à hierarquia, o regime então se utilizou da hereditariedade para manter vivo o “espírito da revolução”. Sob a figura de Kim Il-Sung foi criada toda uma mitologia que engloba realizações históricas e fantásticas. Historicamente, a nação entende que foi graças ao grande dirigente, praticamente sozinho, que o Japão foi derrotado, entretanto, Kim Il-Sung participou na guerra de guerrilha até 1939 quando se juntou ao Exército Vermelho, permanecendo até o final do conflito em uma base militar na URSS longe de qualquer confronto.

Na questão fantasiosa, Yeon-Mi relata que desde a infância são cultivadas as grandes façanhas, como os dirigentes terem poderes de ler a mente e influenciar no clima. Acredita-se que quando o primeiro líder esteve na universidade, durante três anos conseguiu escrever 1.500 livros. Além de toda propaganda ideológica presente nos livros didáticos, essas “verdades” são reforçadas rotineiramente em documentários, filmes e apresentações de rádio. Essa idolatria é percebida pelo autor durante toda a sua estadia, se questionando se as pessoas realmente acreditam em tudo. Para Brites, a aceitação ao regime não é mais tão popular, mas ainda assim persiste um forte laço cultural que mantém a fé na liderança dos Kims. Mesmo cercado de mentiras, a manipulação diária leva o norte-coreano a aceitar tudo como verdade.

Outro assunto frequente na passagem do quadrinista pelo país socialista é a questão militar. Dentro do estúdio de animação da equipe norte-coreana, existia rifles de madeira para treinamentos, assim como cabines de tiro ao alvo espalhados pela cidade para manter a aptidão física. Delisle registra que anualmente é realizado um exercício semanal para preparar a população contra um possí-

vel ataque. Logo, o medo da invasão americana ou sul-coreana permanece intacto no imaginário do Norte, reforçando o argumento que a guerra da coreia ainda não terminou.

Por fim, o artista ao longo do quadrinho faz uma brincadeira para se adivinhar quem é o espião entre alguns candidatos, e a cada nova passagem diminui um suspeito. Essa charada foi uma interessante forma de apresentar que na Coreia do Norte todos são iguais, mas por qualquer motivo que desagrade ao regime, você pode ser considerado inimigo do Estado, sendo encaminhado para os centros de reeducação ou simplesmente desaparecer. Segundo Yeon-Mi, ser enviado para a reeducação significava ser maltratado e trabalhar compulsoriamente, além de participar de sessões de autocrítica e decorar os discursos dos dirigentes.

O emprego de histórias em quadrinhos em sala de aula pode ser um interessante aliado para instigar os alunos no ensino da História. Sabemos que parte do alunato, em muitos casos, não vislumbram como agradável o contato com o conhecimento produzido por essa ciência, muitas vezes não conseguem fazer as ligações temporais necessárias, por acreditarem que os fatos do passado não têm utilidade para a vida cotidiana, tanto no presente, quanto no futuro.

Uma forma de aprendizado pode partir da utilização de linguagens que se aproximem mais da realidade dos alunos, logo, a sugestão de uma possível saída para alterar a situação pode ser a utilização de histórias em quadrinhos com a temática da História. As HQ's podem ser utilizadas como parte de uma discussão inicial sobre algum assunto histórico que se deva trabalhar em sala de aula, muitas vezes a sugestão pode partir do que os alunos estão consumindo ou de quadrinhos em que o docente já possua algum conhecimento de articulação, como por exemplo usar a HQ *Maus* para tratar da as-

censão do nazi-fascismo ou as primeiras produções dos quadrinhos belgas de *Tin Tin* para tratar o imperialismo e a partilha da África. O que acreditamos é que, apesar de não ser uma atividade recente, a produção de quadrinhos com temas históricos tem se proliferado no Brasil fortemente a partir dos anos 2000 e tem ganhado espaço no mercado editorial, bem como se expandido volumosamente para outras formas de leitura de quadrinhos, como os aplicativos de leitura em PDF (portable document format).

Pensando brevemente o uso desse tipo de quadrinho não-ficcional em sala de aula, é impossível não se atentar aos debates propostos por Túlio Vilela (2018), que nos informa que “Independentemente de uma história em quadrinhos conter ou não anacronismos, de ser baseada ou não em fatos verídicos, um conceito que convém ser trabalhado pelo professor que pretenda utilizar os quadrinhos no ensino de História é o da verossimilhança” (VILELA, 2018, p. 123).

Dessa forma, entendendo que o trabalho de Delisle, embora com muitos problemas históricos aparentes na sua construção, apresenta personagens críveis, apesar de ficcionais. Existem inúmeras histórias que não possuem qualquer verossimilhança com a realidade, valendo-se muitas vezes da história contra factual, em ambos os casos caberá ao docente escolher a melhor metodologia para utilizar esses recursos, no caso de atrelar a obra de Delisle aos estudos sobre a Coreia do Norte do pós 1950 e dos dias atuais, cabe uma pesquisa profunda e buscar principalmente desmistificar e desconstruir o ‘senso comum’ sobre o país e sua história, afinal é papel do historiador tencionar os fatos, mas não generalizá-los.

Conclusão

A Coreia do Norte com sua reclusão política, limita qualquer aprofundamento ocidental sobre a sua realidade, proporcionando obras que no mínimo são questionáveis, como “Pyongyang - Uma viagem à Coreia do Norte”. O quadrinista Guy Delisle retrata o seu dia a dia sob a perspectiva de um estrangeiro, ação que consequentemente traz incongruências culturais e históricas. A constante opção pelo uso do humor se torna um artifício irritante, por ser utilizado em situações que pediam uma maior reflexão. O provável desconhecimento histórico do autor, acaba por reforçar o argumento americano de isenção de culpa ante qualquer problema na península e o estereótipo de fanatismo político norte-coreano.

A obra é competente em captar a imagem da nação, mostrando a existência de uma civilização moderna com profundos problemas sociais. Esse ponto inclusive é o maior mérito da HQ, por mostrar questões que deveriam ter maior ênfase nas pautas humanitárias, mas são afetadas por discussões políticas. A curta experiência do autor no país foi uma grande oportunidade para ele e seus leitores aprenderem sobre uma nação enigmática, contudo, a obra final só reforçou noções unilaterais através de imagens. Ironicamente, “Pyongyang - Uma viagem à Coreia do Norte” se assemelha às produções do regime socialista, por seu conteúdo parcial e discutível. Dessa forma, é importante alertarmos que seu uso em sala de aula pode ser realizado, mas requer planejamento e muitos cuidados por parte do docente, uma vez que a obra apresenta problemas históricos como anacronismo, inverossimilhança e opiniões bastante pessoais sobre o regime em questão.

Referências

BRITES, Pedro V. P. *A Situação na Península Coreana: Estrutura, Panorama e Cenários*. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CAETANO, Marcos. *Um grande erro chamado “lugar de fala”*. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2019/01/23/um-grande-erro-chamado-lugar-de-fala.html>. Acesso em: 9 nov. 2020.

CHUTE, Hillary. A man alone in a comic book. In: *The New Yorker Review*, May, 2017. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2017/05/01/a-man-alone-in-a-comic-book-guy-delisle/> Último acesso em: 9 nov. 2020.

DELISLE, Guy. *Pyongyang: uma viagem à Coreia do Norte*. Campinas, SP: Zarabatana, 2007.

FELIPPE, Fabricia. *Repensando a Guerra da Coreia: O papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito na península coreana*. Trabalho de Conclusão de Curso: IBMEC – Relações Internacionais. Rio de Janeiro, 2019.

GROSSI, Diego. A Revolução Coreana entre a questão nacional e o marxismo: O Zuche e a construção de um projeto patriótico na Coreia socialista. *Boletim Historiar*, v. 12, p. 03-19, 2015.

LIM, Jie-Hyun. Guerra da Coreia. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et all. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções, 1945 – 2014*. A época da Guerra Fria (1945 – 1991) e da Nova Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2015.

MCCLLOUD, Scott. *Reinventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

MOREIRA, Matheus; DIAS, Tatiana. O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público. *Nexo Jornal*, 16 jan. 2017. Disponível em: <http://goo.gl/KgMHZQ>. Acesso em: 9 nov. 2020.

MUNHOZ, Sidnei. Os EUA e a conclusão da II Guerra Mundial: os impasses concernentes à Guerra do Pacífico e ao Extremo Oriente. *Revista Huellas*, n. 2, out. 2015. p. 9-23.

NASCIMENTO, M. *Uol tab #159*: Questionar lugar de fala “mata” literatura, diz Mia Couto. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/05/24/uol-tab-159-mia-couto.htm>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PARK, Yeon-Mi. *Para poder viver: A jornada de uma garota norte-coreana para a liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SUN, Jong Hwa. *Visión de Corea: turismo e inversiones*. Pyongyang: Ediciones en Lenguas Extranjeras Pyongyang, 2017.

VILELA, Tulio. Os quadrinhos na aula de História. In: VERGUEIRO, Waldomiro et all. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VISENTINI, Paulo. G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia; MELCHIONNA, Helena. *A Revolução coreana: o desconhecido socialismo Zuche*. São Paulo: UNESP, 2015.